

Abençoada

Levanto de sopetão.

Sábado chuvoso.

Sabáticamente preguiçoso.

Sem exercício, sem ginástica acho que não sei mais

poetizar

Dúvida que se dissipa no movimento.

Não e não.

Enfático não!

Não zap. Não face.

Não começar primeiro a apagar todas as merdas que te mandam aos milhares por e-mail...

Não buscar mais segurança on-line.

DEIXA!

Onde estava mesmo?

No poema.

Vivemos em eterna pré-tarefa.

Qual a tarefa adiada?

Busco no centro do corpo o cerne da questão

Respiro.

Ouço pássaros. Gosto de casa que vejo verdes e ouço ...

Busco no centro-sem centro do mundo a questão sem cerne .

A questão sem questão.

Cá estou por escolha.

E agora?

Tudo à volta- na mão-trazido pela liberdade...

Igual maré que traz destroços

Objetos do desejo

Uma partinha pede e implora menos.

Cá, Cá, Cá, agora mesmo aqui.

Poesia, esculturas, belezas

sons e silêncio

dor

dói

Ainda há respiração e luz com a chuva

O poema medita

Aqui mesmo onde a bomba estourou

e no ar, gritos anti-terror.

Aqui mesmo onde a barreira estourou

e na terra, gritos tóxicos de lama

Mata o rio , MATA a MATA

MATA

Kréu

Krenak

francês

A vida escorre nas rachaduras da ganância

Brotando na barreira

A vida ela mesma tem ganas

Te engana

beleza e poesia

me inundam como lama

como o ataque mortal.

Somente um poema.

luto e luta vital

Ódio não

Um Ode à natureza, minha, sua, de todos e todas.

Somos ainda aqui.

Abençoada pelo aleijado do sinal

“Deus te abençoe.”

Choro mesmo.

Sou abençoada

E sinto profundamente por ele, por nós, por todos!

Ai, ai, ai , ai, ai, ai, ai ai, ai...

A tartaruga de couro

Choro sem fim

Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai....

A Toninha

luto total, luta vital

Pertinho ou longe

Vejo no horizonte

morte e poemas!

O primeiro de 2015

Até que enfim

Fim

Até

Malu Leão / Novembro 2015.

Cândida

Maria Cândida

ou simplesmente canda

se chamava

se tivesse chegado a vó

seria vó candinha

uma criatura entre outras

no mundo que sou eu

mundo, mundo

vasto mundo

“Inês, sempre menininha”

me diziam umas alunas

senhoras tijucanas

me perguntando um dia

“quando é que vai crescer?”

nunca

cá estou anos depois

a lhes responder

porque aprendi a alegria de ensinar e aprender

ainda criança

com uma criança

canda

me carregava de lá pra cá

nas brincadeiras

tínhamos a nossa escolinha

onde me ensinava

o que aprendia na sua

história do Brasil

o que terá sido a história do Brasil

ensinada por uma criança de doze anos

para outra de cinco?

conhecimento valiosíssimo

como tantos outros que carregamos por aí

sem saber ao certo

marionetes que somos

movidos por tantos fios

quando Cândida se foi

continuou a me ensinar algumas coisas

me voltando em sonhos

por anos a fio

era tamanha a felicidade em reencontrá-la

que a tratava com a maior delicadeza

com medo de que se fosse

novamente

com o tempo

aprendi

que as pessoas amadas

não vão embora

apenas acontece com algumas delas

de terem morrido

mas elas não sabem bem disso

e continuam com a gente

é preciso tratá-las com cândida ternura

para que voltem sempre.

Inês Carneiro

Mai 2009

Conto (realismo fantástico)

ACONTECIDO EM 1974.

Malu Leão, aos 17 anos.

Era uma cidade como outra qualquer, cheia de ruas, lixos, letras, também cheia de olhos e a de orelhas que, como visores e ouvidos, estavam há muito adormecidos.

Manhã ensolarada após longos dias chuvosos. Embora ninguém percebesse, entretidos demais com a vida a levar, uma árvore nascia e crescia estranhamente em frente ao imponente edifício da praça da cidade. Imóvel antigo, pertencido ao Barão de Piratiti, homem que “a seu modo” havia comandado, junto com a família, os rumos daquela urbe.

Seus descendentes, do mesmo “modo” ainda viviam por aquelas bandas.

O sol estava radiante, disposto a penetrar os cantos úmidos e corpos frios que, simplesmente por falta de costume, não se estendiam ao sol.

Só quem deglutia aqueles raios era a árvore da praça que vigorava, crescia e crescia.... Não a olhos vistos pois, com o sol do meio-dia, todos usavam óculos muito escuros para se proteger daquela luz. Mas alguns passantes automaticamente desviavam as sombras dos edifícios: eram corpos sedentos de calor.

A árvore vigorava, crescia e crescia e ninguém sentia a sua afronta...

Seu tronco largo e já suficientemente comprido possuía veias muitos grossas e tensas tal era a sua vontade de berrar. Não havia vento, mas seus galhos agitavam uma abundante cabeleira de folhas tropicais.

As raízes se expandiram por debaixo da velha rua e, com sua força, ameaçavam expor-se rachando o asfalto.

Os transeuntes tropeçavam nas raízes, agora salientes sobre a calçada da praça, e não notavam a árvore que vigorava, crescia e crescia ...

Estavam preocupados demais em proteger seus olhos do sol.

Com o cair da noite todos se sentiram inexplicavelmente aliviados.

Na manhã seguinte, as ruas, as letras, o lixo, os olhos eram os mesmos, mas havia algo de bizarro com os ouvidos dos cidadãos. De todos os cantos da cidade ouvia-se o estridente barulho de buzinas que vinha da pracinha do Barão. Uma imensa raiz da árvore havia saído das entranhas da rua, ninguém sabia como, e atrapalhava o tráfego matutino. Os carros tinham que diminuir sua velocidade habitual ao passarem pela raiz, quando não tinham que desviá-la para não se amassarem.

Todos sentiram, mais especificamente ouviram e viram, que algo de estranho ocorria na cidade, até então muito quieta e concentrada em si mesma.

Homens, crianças, velhos e donas de casa tiravam os óculos escuros, não temendo mais o sol, e se dirigiam para a pracinha afim de assistirem as manobras que os carros faziam para se libertarem das raízes, já em grande quantidade. Surgiram, de toda a parte, sorveteiros e vendedores de bolas de gás. Crianças lambuzadas brincavam soltando bolas que desprendidas flutuavam em direção ao céu para encontrar-se com “os anjinhos”. Os mais velhos, com sorrisos brilhantes, faziam apostas entre si dos carros que saíam ilesos ao passarem pelas resistentes raízes.

De repente, abateu-lhes um grande medo, seus sorrisos e caras foram murchando.... Nesse instante, as crianças puseram-se a chorar. As bolas de gás esquecidas e lágrimas limpavam os vestígios de sorvete e de alegria infantil.

Liderados pelos irmãos Piratiti, as autoridades recrutaram os mais aguerridos para enfrentar a árvore. Virilmente lutaram sem conseguir esconder o terror que lhes escapava dos olhos, agora desprovidos de óculos escuros. O sol não lhes preocupava mais...

Tal a resistência da árvore que, aos poucos, um a um dos corajosos foi caindo. Logo a cidade toda foi mobilizada para a luta; fracos e doentes incluídos.

Os velhos participavam doando suas antigas armas e fabricando novas para fomentar a batalha. Só as crianças não tinham como ajudar.

Durante algum tempo não havia mais lixo, olhos, letras, ruas e calçadas, só luta, luta e luta.... Embora guerreassem com toda a vitalidade possível a árvore ainda crescia e crescia...

Já começava a surgir o mito de que ela fosse feita de aço quando, num dia muito cinza e molhado, ela tombou de repente.

Por um momento, todos se assustaram. Pouco depois, ficaram decepcionados pois já estavam acostumados à luta e, no fundo deles próprios, não esperavam que a árvore arredasse pé.

Pouca a pouco, foram voltando à sua antiga vida. Tanto tempo entretidos naquela luta que, embora não estivessem mais de óculos escuros, não notaram no outro lado da praça, uma árvore, mais poderosa que a primeira, que vigorava, crescia e crescia com os novos dias ensolarados. Essa já possuía muitos frutos, frutos vermelhos em forma de cravo.

Esmurrar

A cata de ar.

Desespero mudo.

Cegueira geral.

Vida ainda há. Subterrânea. Nessa nossa Terra.

Cavemos poços. Voltemos ao núcleo, num grito tribal.

Nem coxinha, nem petralha.

Sem dogmas.

Alimentar-se da seiva sem tela.

Sem novela... romper...

romper... o que ?

Que dique?

Que muro esmurrar?

Luca Oliveira. Julho 2016.

Pequenos prazeres

Perpetuar um pequeno prazer, doce alegria

Não se repete no tempo

Não se espalha no tempo

Não cria vínculo

Alguns produzem a impressão de serem infindáveis

Como a beleza de uma canção...

Atravessar-se pelo encanto de uma melodia e um conjunto de letras ligadas

Dar o sentido particular a elas

Sentido que é sentimento.

Mas não passa de um desejo...

Despojado o desejo

Pois nem assim...

Cada vez ela é única

Cada vez fala díspar

Cada criatura percebe seu toque

E ainda assim, sonha com a eternidade...

FMS

Poesia lida por Cecilia Castro (minha autoria):

Hinos descalços

Muito marchei no quartel
De onde se adivinhava
A vida pelo horizonte

O uniforme uniformizava
Mais natural parecia ser
O uso de armas automáticas

Um dia a farda me largou
Nela eu já não cabia

Com medo de me perder
Reservei as botas
Para futuras estações

Ao descalçar
A pesada proteção
Enformada estava
O ritmo da pisada

Só reconhecia o amanhecer
Pelo toque da corneta
Apitos e comandos
Disparavam meus impulsos

Ontem iniciei a reforma
De fardas e fardos
Leva-se tempo
Para entoar novos hinos

POESIA E ABISMO

Poesia

Soldado de rebelião

Trincheira

Munição ativa de libertação

Golias contra as máfias

Tá aí, o Davi de fora

Tá aí, o Davi de dentro

O Davi da vida

Poema

Antídoto

da impotência

O abismo

Tá aí, colocado de fora

Tá aí, colocado e dentro

Tá na nossa vida

Louca. Maravilhosamente insana.

Arrogante

Linda. Louca!

Linda. Punk !

Linda. Negra!

Poesia

Com lupa

busca luz.

Lu castro

Em janeiro / fevereiro 2016

Liberdade e sonho

No precioso sonho aquela alegoria não mais emerge

Fantasia de outrora, deslumbramento de toda-e-uma vida

Quando eu te vir, te olhar vou desejar

Esse desejo com música não vai mais me falar

Por uma melodia que não perfuma outra vez o meu ar

Apenas o sabor de uma brisa, vou degustar

Mas tão-só com cócegas dóceis ele vai me tocar

E vou sorrir, e vou adorar

A liberdade do desejo que vou finalmente te desejar

Flavia Santoro